

conversa, voltamos para casa como que enebriados. Passei ali uma das noites mais ansiosas de minha vida, na companhia de Hölderlin, Diotima, da estudante e de toda sorte de outros fantasmas a assombrar meus sonhos. Na manhã seguinte, estava decidido a pedir ao pai a mão de sua filha. Atravessei o corredor rangente até o banheiro, a fim de, já refrescado, ousar o fecundo passo. Com a escova de dentes espumando na boca, aproximei-me da janela e, perdido em pensamentos, contemplava o Harz, quando, logo abaixo, um amedrontado chiado e um bater de asas desviou minha atenção. Lá estava minha loura amada, vestindo um avental azul sobre o vestido azul largo e solto, com uma galinha a bater as asas numa das mãos e um espanador na outra, com cujo cabo ela, no mesmo instante, golpeou a cabeça da galinha para, em seguida, cortá-la fora com uma faca. Conforme se pode imaginar, não fiquei noivo, mas parti naquele mesmo dia. Nós nunca mais nos vimos.

Leo, que ouvira mudo a minha história, fitou-me com tristeza. Como houvesse estudado psicanálise e outras tolices do gênero, tirou ousadas conclusões, as quais não desejo reproduzir, porque insossas. De todo modo, você fugirá do casamento no futuro também, foram suas palavras finais. Vejo-me ainda hoje sentado ali, como

que firmemente arraigado àquela cadeira na água rasa, como se um murro houvesse me atingido, pois, no fundo, sabia que ele tinha razão.

No silêncio da tarde, com as janelas abertas, sentei-me diante da escrivaninha, tirei um punhado de papel da gaveta, folhas sem meu nome e endereço, e escrevi.